

Auto de moralidade composto por Gil Vicente por contemplação da sereníssima e muito católica rainha Lianor, nossa senhora, e representado por seu mandado ao poderoso príncipe e mui alto rei Manuel, primeiro de Portugal deste nome.

Começa a declaração e argumento da obra. Primeiramente, no presente auto, se figura que, no ponto que acabamos de espirar, chegamos subitamente a um rio, o qual per força havemos de passar em um de dois batéis que naquele porto estão, Scilicet, um deles passa para o paraíso e o outro pera o inferno: os quais batéis tem cada um seu arrais na proa: o do paraíso um anjo, e o do inferno um arrais infernal e um companheiro.

O primeiro interlocutor é um Fidalgo que chega com um Pajem, que lhe leva um rabo mui comprido e uma cadeira de espaldas. E começa o Arrais do Inferno ante que o Fidalgo venha.

DIABO

À barca, à barca, houlá!
que temos gentil maré!
- Ora venha o carro a ré!

COMPANHEIRO

Feito, feito!
Bem está!
Vai tu muitieramá,
e atesa aquele palanco
e despeja aquele banco,
pera a gente que virá.
À barca, à barca, hu-u!
Asinha, que se quer ir!
Oh, que tempo de partir,
louvores a Berzebu!
- Ora, sus! que fazes tu?
Despeja todo esse leito!

COMPANHEIRO

Em boa hora! Feito, feito!

DIABO

Abaixa aramá esse cu!
Faze aquela poja lesta
e alija aquela driça.

COMPANHEIRO

Oh-oh, caça! Oh-oh, iça, iça!

DIABO

Oh, que caravela esta!
Põe bandeiras, que é festa.
Verga alta! Âncora a pique!
- Ó poderoso dom Anrique,
cá vindes vós?... Que cousa é esta?...

Vem o Fidalgo e, chegando ao batel infernal, diz:

FIDALGO

Esta barca onde vai ora,
que assi está apercebida?

DIABO

Vai pera a ilha perdida,
e há-de partir logo ess'ora.

FIDALGO

Pera lá vai a senhora?

DIABO

Senhor, a vosso serviço.

FIDALGO

Parece-me isso cortiço...

DIABO

Porque a vedes lá de fora.

FIDALGO

Porém, a que terra passais?

DIABO

Pera o inferno, senhor.

FIDALGO

Terra é bem sem-sabor.

DIABO

Quê?... E também cá zombais?

FIDALGO

E passageiros achais
pera tal habitação?

DIABO

Vejo-vos eu em feição
pera ir ao nosso cais...

FIDALGO

Parece-te a ti assi!...

DIABO

Em que esperas ter guarida?

FIDALGO

Que leixo na outra vida
quem reze sempre por mi.

DIABO

Quem reze sempre por ti?!..
Hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi!...
E tu viveste a teu prazer,
cuidando cá guarecer
por que rezam lá por ti?!...
Embarca - ou embarcai...
que haveis de ir à derradeira!
Mandai meter a cadeira,
que assi passou vosso pai.

FIDALGO

Quê? Quê? Quê? Assi lhe vai?!

DIABO

Vai ou vem! Embarcai prestes!
Segundo lá escolheste,
assi cá vos contentai.

Pois que já a morte passastes,
haveis de passar o rio.

FIDALGO

Não há aqui outro navio?

DIABO

Não, senhor, que este fretastes,
e primeiro que expirastes
me destes logo sinal.

FIDALGO

Que sinal foi esse tal?

DIABO

Do que vós vos contentastes.

FIDALGO

A estoutra barca me vou.
Hou da barca! Para onde is?
Ah, barqueiros! Não me ouvis?
Respondei-me! Houlá! Hou!...
(Pardeus, aviado estou!
Cant'a isto é já pior...)
Que jericocins, salvaror!
Cuidam cá que são eu grou?

ANJO

Que quereis?

FIDALGO

Que me digais,
pois parti tão sem aviso,
se a barca do Paraíso
é esta em que navegais.

ANJO

Esta é; que demandais?

FIDALGO

Que me leixeis embarcar.
Sou fidalgo de solar,
é bem que me recolhais.

ANJO

Não se embarca tirania
neste batel divinal.

FIDALGO

Não sei porque haveis por mal
que entre a minha senhoria...

ANJO

Pera vossa fantasia
mui estreita é esta barca.

FIDALGO

Pera senhor de tal marca
nom há aqui mais cortesia?
Venha a prancha e atavio!
Levai-me desta ribeira!

ANJO

Não vindes vós de maneira
pera entrar neste navio.
Essoutro vai mais vazio:
a cadeira entrará

e o rabo caberá
e todo vosso senhorio.

Ireis lá mais espaçoso,
vós e vossa senhoria,
cuidando na tirania
do pobre povo queixoso.
E porque, de generoso,
desprezastes os pequenos,
achar-vos-eis tanto menos
quanto mais fostes fumoso.

DIABO

À barca, à barca, senhores!
Oh! que maré tão de prata!
Um ventozinho que mata
e valentes remadores!

Diz, cantando:

*Vós me veniredes a la mano,
a la mano me veniredes.*

FIDALGO

Ao Inferno, todavia!
Inferno há i pera mi?
Oh triste! Enquanto vivi
não cuidei que o i havia:
Tive que era fantasia!
Folgava ser adorado,
confiei em meu estado
e não vi que me perdia.

Venha essa prancha! Veremos
esta barca de tristura.

DIABO

Embarque vossa doçura,
que cá nos entenderemos...
Tomarês um par de remos,
veremos como remais,
e, chegando ao nosso cais,
todos bem vos serviremos.

FIDALGO

Esperar-me-ês vós aqui,
tornarei à outra vida
ver minha dama querida
que se quer matar por mi.
Dia, Que se quer matar por ti?!...

FIDALGO

Isto bem certo o sei eu.

DIABO

Ó namorado sandeu,
o maior que nunca vi!...

FIDALGO

Como pod'rá isso ser,
que m'escrevia mil dias?

DIABO

Quantas mentiras que lias,
e tu... morto de prazer!...

FIDALGO

Pera que é escarnecer,
quem nom havia mais no bem?

DIABO

Assi vivas tu, amém,
como te tinha querer!

FIDALGO

Isto quanto ao que eu conheço...

DIABO

Pois estando tu expirando,
se estava ela requebrando
com outro de menos preço.

FIDALGO

Dá-me licença, te peço,
que vá ver minha mulher.

DIABO

E ela, por não te ver,
despenhar-se-á dum cabeçaço!

Quanto ela hoje rezou,
antre seus gritos e gritas,
foi dar graças infinitas
a quem a desassombrou.

FIDALGO

Cant'a ela, bem chorou!

DIABO

Nom há i choro de alegria?..

FIDALGO

E as lástimas que dezia?

DIABO

Sua mãe lhas ensinou...

Entraí, meu senhor, entraí:
Ei la prancha! Ponde o pé...

FIDALGO

Entremos, pois que assi é.

DIABO

Ora, senhor, descansai,
passeai e suspirai.
Em tanto virá mais gente.

FIDALGO

Ó barca, como és ardente!
Maldito quem em ti vai!

Diz o Diabo ao Moço da cadeira:

DIABO

Nom entras cá! Vai-te d'í!
A cadeira é cá sobeja;
cousa que esteve na igreja
nom se há-de embarcar aqui.
Cá lha darão de marfi,
marchetada de dolores,
com tais modos de lavoires,
que estará fora de si...

À barca, à barca, boa gente,
que queremos dar à vela!
Chegar ela! Chegar ela!
Muitos e de boamente!
Oh! que barca tão valente!

Vem um Onzeneiro, e pergunta ao Arrais do Inferno, dizendo:

ONZENEIRO

Pera onde caminhais?

DIABO

Oh! que má-hora venhais,
onzeneiro, meu parente!

Como tardastes vós tanto?

ONZENEIRO

Mais quisera eu lá tardar...
Na safra do apanhar
me deu Saturno quebranto.

DIABO

Ora mui muito m'espanto
nom vos livrar o dinheiro!...

ONZENEIRO

Solamente para o barqueiro
nom me leixaram nem tanto...

DIABO

Ora entrai, entrai aqui!

ONZENEIRO

Não hei eu i d'embarcar!

DIABO

Oh! que gentil reçar,
e que cousas pera mi!...

ONZENEIRO

Ainda agora faleci,
leixa-me buscar batel!

DIABO

Pesar de Jam Pimentel!
Porque não irás aqui?...

ONZENEIRO

E pera onde é a viagem?

DIABO

Pera onde tu hás-de ir.

ONZENEIRO

Havemos logo de partir?

DIABO

Não cures de mais linguagem.

ONZENEIRO

Mas pera onde é a passagem?

DIABO

Pera a infernal comarca.

ONZENEIRO

Dix! Nom vou eu tal barca.
Estoutra tem vantagemem.

Vai-se à barca do Anjo, e diz:

Hou da barca! Houlá! Hou!
Haveis logo de partir?

ANJO

E onde queres tu ir?

ONZENEIRO

Eu pera o Paraíso vou.

ANJO

Pois cant'eu mui fora estou
de te levar para lá.
Essoutra te levará;
vai pera quem te enganou!

ONZENEIRO

Porquê?

ANJO

Porque esse bolsão
tomará todo o navio.

ONZENEIRO

Juro a Deus que vai vazio!

ANJO

Não já no teu coração.

ONZENEIRO

Lá me fica, de rondão,
minha fazenda e alhea.

ANJO

Ó onzena, como és fea
e filha de maldição!

Torna o Onzeneiro à barca do Inferno e diz:

ONZENEIRO

Houlá! Hou! Demo barqueiro!
Sabês vós no que me fundo?
Quero lá tornar ao mundo
e trazer o meu dinheiro.

que aqueloutro marinheiro,
porque me vê vir sem nada,
dá-me tanta borregada
como arrais lá do Barreiro.

DIABO

Entra, entra, e remarás!
Nom percamos mais maré!

ONZENEIRO

Todavia...

DIABO

Per força é!
Que te pês, cá entrarás!
Irás servir Satanás,
pois que sempre te ajudou.

ONZENEIRO

Oh! Triste, quem me cegou?

DIABO

Cal'te, que cá chorarás.

Entrando o Onzeneiro no batel, onde achou o Fidalgo embarcado, diz tirando o barrete:

ONZENEIRO

Santa Joana de Valdês!
Cá é vossa senhoria?

FIDALGO

Dá ò demo a cortesia!

DIABO

Ouvis? Falai vós cortês!
Vós, fidalgo, cuidareis
que estais na vossa pousada?
Dar-vos-ei tanta pancada
com um remo que renegueis!

Vem Joane, o Parvo, e diz ao Arrais do Inferno:

PARVO

Hou daquesta!

DIABO

Quem é?

PARVO

Eu soo.
É esta a naviarra nossa?

DIABO

De quem?

PARVO

Dos tolos.

DIABO

Vossa.
Entra!

PARVO

De pulo ou de voo?
Hou! Pesar de meu avô!
Soma, vim adoecer
e fui má-hora morrer,
e nela, pera mi só.

DIABO

De que morreste?

PARVO

De quê?
Samicas de caganeira.

DIABO

De quê?

PARVO

De caga merdeira!
Má rabugem que te dê!

DIABO

Entra! Põe aqui o pé!

PARVO

Houlá! Nom tombe o zambuco!

DIABO

Entra, tolaço eunuco,
que se nos vai a maré!

PARVO

Aguardai, aguardai, houlá!
E onde havemos nós d'ir ter?

DIABO

Ao porto de Lucifer.

PARVO

Ha-á-a...

DIABO

Ó Inferno! Entra cá!

PARVO

Ò Inferno?... Eramá...

Hiu! Hiu! Barca do cornudo.

Pêro Vinagre, beiçudo,
rachador d'Alverca, huhá!

Sapateiro da Candosa!

Antrecosto de carrapato!

Hiu! Hiu! Caga no sapato,
filho da grande aleivosa!

Tua mulher é tinhosa
e há-de parir um sapo
chantado no guardanapo!
Neto de cagarrinhosa!

Furta cebolas! Hiu! Hiu!
Excomungado nas erguejas!
Burrela, cornudo sejas!
Toma o pão que te caiu!
A mulher que te fugiu
per'a Ilha da Madeira!
Cornudo até mangueira,
toma o pão que te caiu!

Hiu! Hiu! Lanço-te ùa pulha!
Dê-dê! Pica nàquela!
Hump! Hump! Caga na vela!
Hio, cabeça de grulha!
Perna de cigarra velha,
caganita de coelha,
pelourinho da Pampulha!
Mija n'agulha, mija n'agulha!

Chega o Parvo ao batel do Anjo e dlz:

PARVO

Hou da barca!

ANJO

Que me queres?

PARVO

Queres-me passar além?

ANJO

Quem és tu?

PARVO

Samica alguém.

ANJO

Tu passarás, se quiseres;
porque em todos teus fazeres
per malícia nom erraste.
Tua simpreza t'abaste
pera gozar dos prazeres.

Espera entanto per i:
veremos se vem alguém,
merecedor de tal bem,
que deva de entrar aqui.

*Vem um Sapateiro com seu avental e carregado de formas, e chega ao batel
infernai, e diz:*

SAPATEIRO

Hou da barca!

DIABO

Quem vem i?
Santo sapateiro honrado,
como vens tão carregado?...

SAPATEIRO

Mandaram-me vir assi...
E pera onde é a viagem?

DIABO

Pera o lago dos danados.

SAPATEIRO

Os que morrem confessados
onde têm sua passagem?

DIABO

Nom cures de mais linguagem!
Esta é a tua barca, esta!

SAPATEIRO

Renegaria eu da festa
e da puta da barcagem!

Como poderá isso ser,
confessado e comungado?!...

DIABO

Tu morreste excomungado:
Nom o quiseste dizer.
Esperavas de viver,
calaste dous mil enganoses...
Tu roubaste bem trint'anos
o povo com teu mester.

Embarca, eramá pera ti,
que há já muito que t'espero!

SAPATEIRO

Pois digo-te que nom quero!

DIABO

Que te pês, hás-de ir, si, si!

SAPATEIRO

Quantas missas eu ouvi,
nom me hão elas de prestar?

DIABO

Ouvir missa, então roubar,
é caminho per'aqui.

SAPATEIRO

E as ofertas que darão?
E as horas dos finados?

DIABO

E os dinheiros mal levados,
que foi da satisfação?

SAPATEIRO

Ah! Nom praza ò cordovão,
nem à puta da badana,
se é esta boa traquitana
em que se vê Jan Antão!

Ora juro a Deus que é graça!

Vai-se à barca do Anjo, e diz:

Hou da santa caravela,
poderês levar-me nela?

ANJO

A c rrega t'embaraça.

SAPATEIRO

Nom há mercê que me Deus faça?
Isto uxiquer irá.

ANJO

Essa barca que l  está
Leva quem rouba de praça.

Oh! almas embaraadas!

SAPATEIRO

Ora eu me maravilho
haverdes por grão peguilho
quatro forminhas cagadas
que podem bem ir i chantadas
num cantinho desse leito!

ANJO

Se tu viveras dereito,
Elas foram c  escusadas.

SAPATEIRO

Assi que determinais
que v  cozer   Inferno?

ANJO

Escrito est s no caderno
das ementas infernais.

Torna-se   barca dos danados, e diz:

SAPATEIRO

Hou barqueiros! Que aguardais?
Vamos, venha a prancha logo
e levai-me àquele fogo!
Não nos detenhamos mais!

Vem um Frade com uma Moça pela mão, e um broquel e  uma espada na outra, e um casco debaixo do capelo; e, ele mesmo fazendo a baixa, começou de dançar, dizendo:

FRADE

Tai-rai-rai-ra-r ; ta-ri-ri-r ;
ta-rai-rai-rai-r ; tai-ri-ri-r :
t -t ; ta-ri-rim-rim-r . Huh !

DIABO

Que é isso, padre?! Que vai lá?

FRADE

Deo gratias! Som cortêsão.

DIABO

Sabês também o tordião?

FRADE

Porque não? Como ora sei!

DIABO

Pois entrai! Eu tangerei
e faremos um serão.

Essa dama é ela vossa?

FRADE

Por minha la tenho eu,
e sempre a tive de meu,

DIABO

Fezestes bem, que é fermosa!
E não vos punham lá grosa
no vosso convento santo?

FRADE

E eles fazem outro tanto!

DIABO

Que cousa tão preciosa...
Entraí, padre reverendo!

FRADE

Para onde levais gente?

DIABO

Pera aquele fogo ardente
que nom temestes vivendo.

FRADE

Juro a Deus que nom t'entendo!
E este hábito no me val?

DIABO

Gentil padre mundanal,
a Berzebu vos encomendo!

FRADE

Corpo de Deus consagrado!
Pela fé de Jesu Cristo,
que eu nom posso entender isto!
Eu hei-de ser condenado?!...
Um padre tão namorado
e tanto dado à virtude?
Assi Deus me dê saúde,
que eu estou maravilhado!

DIABO

Não curês de mais detença.
Embarcai e partiremos:
tomareis um par de ramos.

FRADE

Nom ficou isso n'avença.

DIABO

Pois dada está já a sentença!

FRADE

Pardeus! Essa seria ela!
Não vai em tal caravela
minha senhora Florença.
Como? Por ser namorado
e folgar com ùa mulher
se há um frade de perder,
com tanto salmo rezado?!...

DIABO

Ora estás bem aviado!

FRADE

Mais estás bem corregido!

DIABO

Dovoto padre marido,
haveis de ser cá pingado...

Descobriu o Frade a cabeça, tirando o capelo; e apareceu o casco, e diz o Frade:

FRADE

Mantenha Deus esta c'oroa!

DIABO

ó padre Frei Capacete!
Cuidei que tínheis barrete...

FRADE

Sabê que fui da pessoa!
Esta espada é roloa
e este broquel, rolão.

DIABO

Dê Vossa Reverença lição
d'esgrima, que é cousa boa!

Começou o frade a dar lição d'esgrima com a espada e broquel, que eram d'esgrimir, e diz desta maneira:

FRADE

Deo gratias! Demos caçada!
Pera sempre contra sus!
Um fendente! Ora sus!
Esta é a primeira levada.
Alto! Levantai a espada!
Talho largo, e um revés!
E logo colher os pés,
que todo o al no é nada!

Quando o recolher se tarda
o ferir nom é prudente.
Ora, sus! Mui largamente,
cortai na segunda guarda!
- Guarde-me Deus d'espingarda
mais de homem denodado.
Aqui estou tão bem guardado
como a palhá n'albarda.

Saio com meia espada...
Hou lá! Guardai as queixadas!

DIABO

Oh que valentes levadas!

FRADE

Ainda isto nom é nada...
Demos outra vez caçada!
Contra sus e um fendente,
e, cortando largamente,
eis aqui sexta feitada.

Daqui saio com ùa guia
e um revés da primeira:
esta é a quinta verdadeira.
- Oh! quantos daqui feria!...
Padre que tal aprendia
no Inferno há-de haver pingos?!...

Ah! Nom praza a São Domingos
com tanta descortesia!

Tornou a tomar a Moça pela mão, dizendo:

FRADE

Vamos à barca da Glória!

Começou o Frade a fazer o tordião e foram dançando até o batel do Anjo desta maneira:

FRADE

Ta-ra-ra-rai-rã; ta-ri-ri-ri-rã;
rai-rai-rã; ta-ri-ri-rã; ta-ri-ri-rã.

Huhá!

Deo gratias! Há lugar cá
pera minha reverença?

E a senhora Florença
polo meu entrará lá!

PARVO

Andar, muitieramá!
Furtaste esse trinchão, frade?

FRADE Senhora, dá-me à vontade
que este feito mal está.
Vamos onde havemos d'ir!
Não praza a Deus coa a ribeira!
Eu não vejo aqui maneira
senão, enfim, concrudir.

DIABO

Haveis, padre, de viir.

FRADE

Agasalhai-me lá Florença,
e compra-se esta sentença:
ordenemos de partir.

Tanto que o Frade foi embarcado, veio ùa Alcoviteira, per nome Brízida Vaz, a qual chegando à barca infernal, diz desta maneira:

BRÍZIDA

Hou lá da barca, hou lá!

DIABO

Quem chama?

BRÍZIDA

Brízida Vaz.

DIABO

E aguarda-me, rapaz?
Como nom vem ela já?

COMPANHEIRO

Diz que nom há-de vir cá
sem Joana de Valdês.

DIABO

Entraí vós, e remarês.

BRÍZIDA

Nom quero eu entrar lá.

DIABO

Que sabroso arreçar!

BRÍZIDA

No é essa barca que eu cato.

DIABO

E trazês vós muito fato?

BRÍZIDA

O que me convém levar.
Día. Que é o que havês d'embarcar?

BRÍZIDA Seiscentos virgos postiços
e três arcas de feitiços
que nom podem mais levar.

Três almários de mentir,
e cinco cofres de enlheos,
e alguns furtos alheos,
assi em jóias de vestir,
guarda-roupa d'encobrir,
enfim - casa movediça;
um estrado de cortiça
com dous coxins d'encobrir.

A mor cárrega que é:
essas moças que vendia.
Daquestra mercadoria
trago eu muita, à bofé!

DIABO

Ora ponde aqui o pé...

BRÍZIDA

Hui! E eu vou pera o Paraíso!

DIABO

E quem te dixeu a ti isso?

BRÍZIDA

Lá hei-de ir desta maré.

Eu sô ùa mártela tall...
Açoutes tenho levados
e tormentos suportados
que ninguém me foi igual.
Se fosse ò fogo infernal,
lá iria todo o mundo!
A estoutra barca, cá fundo,
me vou, que é mais real.

Chegando à Barca da Glória diz ao Anjo:

Barqueiro mano, meus olhos,
prancha a Brísida Vaz.

ANJO

Eu não sei quem te cá traz...

BRÍZIDA

Peço-vo-lo de gíolhos!
Cuidais que trago piolhos,
anjo de Deos, minha rosa?
Eu sô aquela preciosa
que dava as moças a molhos,

a que criava as meninas
pera os cónegos da Sé...
Passai-me, por vossa fé,
meu amor, minhas boninas,
olho de perlinhas finas!
E eu som apostolada,
angelada e martelada,
e fiz cousas mui divinas.

Santa Úrsula nom converteu
tantas cachopas como eu:
todas salvas polo meu
que nenhũa se perdeu.
E prouve Àquele do Céu
que todas acharam dono.
Cuidais que dormia eu sono?
Nem ponto se me perdeu!

ANJO
Ora vai lá embarcar,
não estês importunando.

BRÍZIDA
Pois estou-vos eu contando
o porque me haveis de levar.

ANJO
Não cures de importunar,
que não podes vir aqui.

BRÍZIDA
E que má-hora eu servi,
pois não me há-de aproveitar!...

Torna-se Brízida Vaz à Barca do Inferno, dizendo:

BRÍZIDA
Hou barqueiros da má-hora,
que é da prancha, que eis me vou?
E já há muito que aqui estou,
e pareço mal cá de fora.

DIABO
Ora entrai, minha senhora,
e sereis bem recebida;
se vivestes santa vida,
vós o sentirês agora...

*Tanto que Brízida Vaz se embarcou, veo um Judeu, com um bode às costas;
e, chegando ao batel dos danados, diz:*

JUDEU
Que vai cá? Hou marinheiro!

DIABO
Oh! que má-hora vieste!...

JUDEU
Cuj'é esta barca que preste?

DIABO
Esta barca é do barqueiro.

JUDEU.
Passai-me por meu dinheiro.

DIABO
E o bode há cá de vir?

JUDEU

Pois também o bode há-de vir.

DIABO

Que escusado passageiro!

JUDEU

Sem bode, como irei lá?

DIABO

Nem eu nom passo cabrões.

JUDEU

Eis aqui quatro tostões
e mais se vos pagará.
Por vida do Semifará
que me passeis o cabrão!
Querês mais outro tostão?

DIABO

Nem tu nom hás-de vir cá.

JUDEU

Porque nom irá o judeu
onde vai Brísida Vaz?
Ao senhor meirinho apraz?
Senhor meirinho, irei eu?

DIABO

E o fidalgo, quem lhe deu...

JUDEU

O mando, dizês, do batel?
Corregedor, coronel,
castigai este sandeu!

Azará, pedra miúda,
lodo, chanto, fogo, lenha,
caganeira que te venha!
Má corrença que te acuda!
Par el Deu, que te sacuda
coa beca nos focinhos!
Fazes burla dos meirinhos?
Dize, filho da cornuda!

PARVO

Furtaste a chiba cabrão?
Parecês-me vós a mim
gafanhoto d'Almeirim
chacinado em um seirão.

DIABO

Judeu, lá te passarão,
porque vão mais despejados.

PARVO

E ele mijou nos finados
n'ergueja de São Gião!

E comia a carne da panela
no dia de Nosso Senhor!
E aperta o salvador,
e mija na caravela!

DIABO

Sus, sus! Demos à vela!
Vós, Judeu, irês à toa,
que sois mui ruim pessoa.
Levai o cabrão na trela!

*Vem um Corregedor, carregado de feitos, e, chegando à barca do Inferno,
com sua vara na mão, diz:*

CORREGEDOR

Hou da barca!

DIABO

Que quereis?

CORREGEDOR

Está aqui o senhor juiz?

DIABO

Oh amador de perdiz.
gentil carga trazeis!

CORREGEDOR

No meu ar conhecereis
que nom é ela do meu jeito.

DIABO

Como vai lá o direito?

CORREGEDOR

Nestes feitos o vereis.

DIABO

Ora, pois, entrai. Veremos
que diz i nesse papel...

CORREGEDOR

E onde vai o batel?

DIABO

No Inferno vos poeremos.

CORREGEDOR

Como? À terra dos demos
há-de ir um corregedor?

DIABO

Santo descorregedor,
embarcai, e remaremos!
Ora, entrai, pois que viestes!

CORREGEDOR

Non est de regulae juris, não!

DIABO

Ita, Ita! Dai cá a mão!
Remaremos um remo destes.
Fazei conta que nacestes
pera nosso companheiro.
- Que fazes tu, barzoneiro?
Faze-lhe essa prancha prestes!

CORREGEDOR

Oh! Renego da viagem
e de quem me há-de levar!
Há 'qui meirinho do mar?

DIABO

Não há tal costumagem.

CORREGEDOR

Nom entendo esta barcagem,
nem *hoc nom potest esse*.

DIABO

Se ora vos parecesse
que nom sei mais que linguagem...
Entraí, entraí, corregedor!

CORREGEDOR

Hou! *Videtis qui petatis* -
Super jure magestatis
tem vosso mando vigor?

DIABO

Quando éreis ouvidor
nonne accepistis rapina?
Pois ireis pela bolina
onde nossa mercê for...
Oh! que isca esse papel
pera um fogo que eu sei!

CORREGEDOR

Domine, memento mei!

DIABO

Non es tempus, bacharel!
Imbarquemini in batel
quia Judicastis malitia.

CORREGEDOR

Sempre ego justitia
fecit, e bem por nivel.

DIABO

E as peitas dos judeus
que a vossa mulher levava?

CORREGEDOR

Isso eu não o tomava
eram lá percalços seus.
Nom som *peccatus meus,*
peccavit uxore mea.

DIABO

Et vobis quoque cum ea,
não tenuistis Deus.
A largo modo adquiristis
sanguinis laboratorum
ignorantis peccatorum.
Ut quid eos non audistis?

CORREGEDOR

Vós, arrais, *nonne legistis*
que o dar quebra os pinedos?
Os direitos estão quedos,
sed aliquid tradidistis...

DIABO

Ora entrai, nos negros fados!
Ireis ao lago dos cães
e vereis os escravões
como estão tão prosperados.

CORREGEDOR

E na terra dos danados
estão os Evangelistas?

DIABO

Os mestres das burlas vistas
lá estão bem fraguados.

Estando o Corregedor nesta prática com o Arrais infernal chegou um Procurador, carregado de livros, e diz o Corregedor ao Procurador:

CORREGEDOR

Ó senhor Procurador!

PROCURADOR

Bejo-vo-las mãos, Juiz!
Que diz esse arrais? Que diz?

DIABO

Que serês bom remador.
Entra, bacharel doutor,
e ireis dando na bomba.

PROCURADOR

E este barqueiro zomba...
Jogatais de zombador?
Essa gente que aí está
pera onde a levais?

DIABO

Pera as penas infernais.

PROCURADOR

Dix! Nom vou eu pera lá!
Outro navio está cá,
muito melhor assombrado.

DIABO

Ora estás bem aviado!
Entra, muitieramá!

CORREGEDOR

Confessaste-vos, doutor?

PROCURADOR

Bacharel som. Dou-me à Demo!
Não cuidei que era extremo,
nem de morte minha dor.
E vós, senhor Corregedor?

CORREGEDOR

Eu mui bem me confessei,
mas tudo quanto roubei
encobri ao confessor...

Porque, se o nom tornais,
não vos querem absolver,
e é mui mau de volver
depois que o apanhais.

DIABO

Pois porque nom embarcais?

PROCURADOR

Quia speramus in Deo.

DIABO

Imbarquemini in barco meo...
Pera que *esperatis* mais?

Vão-se ambos ao batel da Glória, e, chegando, diz o Corregedor ao Anjo:

CORREGEDOR

Ó arrais dos gloriosos,
passai-nos neste batel!

ANJO

Oh! pragas pera papel,
pera as almas odiosos!
Como vindes preciosos,
sendo filhos da ciência!

CORREGEDOR

Oh! *habeatis* clemência
e passai-nos como vossos!

PARVO

Hou, homens dos breviairos,
rapinastis coelhorum
et pernis perdigotorum
e mijais nos campanairos!

CORREGEDOR

Oh! não nos sejais contrairos,
pois nom temos outra ponte!

PARVO

Belequinis ubi sunt?
Ego latinus macairos.

ANJO

A justiça divinal
vos manda vir carregados
porque vades embarcados
nesse batel infernal.

CORREGEDOR

Oh! nom praza a São Marçal!
coa ribeira, nem co rio!
Cuidam lá que é desvario
haver cá tamanho mal!

PROCURADOR

Que ribeira é esta tal!

PARVO

Parecês-me vós a mi
como cagado nebri,
mandado no Sardoal.
Embarquetis in zambuquis!

CORREGEDOR

Venha a negra prancha cá!
Vamos ver este segredo.

PROCURADOR

Diz um texto do Degredo...

DIABO

Entraí, que cá se dirá!

E Tanto que foram dentro no batel dos condenados, disse o Corregedor a Brízida Vaz, porque a conhecia:

CORREGEDOR

Oh! esteis muitieramá,
senhora Brízida Vaz!

BRÍZIDA

Já siquer estou em paz,
que não me leixáveis lá.
Cada hora sentenciada:
«Justiça que manda fazer....»

CORREGEDOR

E vós... tornar a tecer
e urdir outra meada.

BRÍZIDA

Dizede, juiz d'alçada:
vem lá Pêro de Lixboa?
Levá-lo-emos à toa
e irá nesta barcada.

Vem um homem que morreu enforcado, e, chegando ao batel dos mal-aventurados, disse o Arrais, tanto que chegou:

DIABO

Venhais embora, enforcado!
Que diz lá Garcia Moniz?

ENFORCADO

Eu te direi que ele diz:
que fui bem-aventurado
em morrer dependurado
como o tordo na buiz,
e diz que os feitos que eu fiz
me fazem canonizado.

DIABO

Entra cá, governarás
atá as portas do Inferno.

ENFORCADO

Nom é essa a nau que eu governo.

DIABO

Mando-te eu que aqui irás.

ENFORCADO

Oh! nom praza a Barrabás!
Se Garcia Moniz diz
que os que morrem como eu fiz
são livres de Satanás...

E disse que a Deus prouvera
que fora ele o enforcado;
e que fosse Deus louvado
que em bo'hora eu cá nacera;
e que o Senhor m'escolhera;
e por bem vi beleguins.
E com isto mil latins,
mui lindos, feitos de cera.

E, no passo derradeiro,
me disse nos meus ouvidos
que o lugar dos escolhidos
era a forca e o Limoeiro;

nem guardião do mosteiro
nem tinha tão santa gente
como Afonso Valente
que é agora carcereiro.

DIABO

Dava-te consolação
isso, ou algum esforço?

ENFORCADO

Com o barço no pescoço,
mui mal presta a pregação...
E ele leva a devação
que há-de tornar a jentar...
Mas quem há-de estar no ar
avorrece-lhe o sermão.

DIABO

Entra, entra no batel,
que ao Inferno há-de ir!

ENFORCADO

O Moniz há-de mentir?
Disse-me que com São Miguel
jentaria pão e mel
tanto que fosse enforcado.
Ora, já passei meu fado,
e já feito é o burel.

Agora não sei que é isso:
não me falou em ribeira,
nem barqueiro, nem barqueira,
senão - logo à Paraíso.
Isto muito em seu siso.
e era santo o meu barço...
Eu não sei que aqui faço:
que é desta glória improviso?

DIABO

Falou-te no Purgatório?

ENFORCADO

Disse que era o Limoeiro,
e ora por ele o salteiro
e o pregão vitatório;
e que era mui notório
que àqueles deciprinados
eram horas dos finados
e missas de São Gregório.

DIABO

Quero-te desenganar:
se o que disse tomaras,
certo é que te salvaras.
Não o quiseste tomar...
- Alto! Todos a tirar,
que está em seco o batel!
- Saí vós, Frei Babriel!
Ajudai ali a botar!

Vêm Quatro Cavaleiros cantando, os quais trazem cada um a Cruz de Cristo, pelo qual Senhor e acrecentamento de Sua santa fé católica morreram em poder dos mouros. Absoltos a culpa e pena per privilégio que os que assi morrem têm dos mistérios da Paixão d'Aquele por Quem padecem, outorgados por todos os Presidentes Sumos Pontífices da Madre Santa Igreja. E a cantiga que assi cantavam, quanto a palavra dela, é a seguinte:

CAVALEIROS

À barca, à barca segura,
barca bem guarnecida,
à barca, à barca da vida!

Senhores que trabalhais
pola vida transitória,
memória , por Deus, memória
deste temeroso cais!
À barca, à barca, mortais,
Barca bem guarnecida,
à barca, à barca da vida!

Vigiai-vos, pecadores,
que, depois da sepultura,
neste rio está a ventura
de prazeres ou dolores!
À barca, à barca, senhores,
barca mui nobrecida,
à barca, à barca da vida!

E passando per diante da proa do batel dos danados assi cantando, com suas espadas e escudos, disse o Arrais da perdição desta maneira:

DIABO

Cavaleiros, vós passais
e nom perguntais onde is?

1º CAVALEIRO

Vós, Satanás, presumis?
Atentai com quem falais!

2º CAVALEIRO

Vós que nos demandais?
Siquer conhecê-nos bem:
morremos nas Partes d'Além,
e não queirais saber mais.

DIABO

Entrai cá! Que cousa é essa?
Eu nom posso entender isto!

CAVALEIROS

Quem morre por Jesu Cristo
não vai em tal barca como essa!

Tornaram a prosseguir, cantando, seu caminho direito à barca da Glória, e, tanto que chegam, diz o Anjo:

ANJO

Ó cavaleiros de Deus,
a vós estou esperando,
que morrestes pelejando
por Cristo, Senhor dos Céus!
Sois livres de todo mal,
mártires da Santa Igreja,
que quem morre em tal peleja
merece paz eternal.

E assi embarcam.

FIM

Gil Vicente, dramaturgo (*)

Nascimento: 1465, Guimarães, Portugal

Falecimento: 1537, Évora, Portugal

O dramaturgo e poeta português Gil Vicente, que escreveu em Português e Espanhol, foi classificado como uma das figuras proeminentes da Renascença Ibérica.

Quase nada se sabe sobre a primeira metade da vida de Gil Vicente até a sua primeira aparição pública como dramaturgo em 1502.

Ele provavelmente foi aprendiz de Martim Vicente, um parente próximo e ourives, e foi como um ourives que Gil atraiu a atenção da Rainha D. Leonor, que em 1495 ficou viúva por D. João II. O irmão dela, em seguida, tornou-se o rei D. Manuel I. A seu pedido Vicente contribuiu alguns versos de um dos Serões famosos do Paço.

Ourives do reino, mestre de balança da Casa da Moeda, autor da famosa Custódia de Belém, representa, em 1502, o Auto da Visitação (Monólogo do Vaqueiro), perante a rainha parturiente, sendo este o início de uma carreira fecunda de comediógrafo, regular e brilhante.

A sua obra representa o encontro da herança medieval, sobretudo nos gêneros e na medida poética (utiliza sistematicamente a métrica popular, em autos e farsas), com o espírito renascentista de exercício crítico e de denúncia das irregularidades institucionais e dos vícios da sociedade.

Entre as suas inúmeras obras contam-se: o *Auto da Índia*, 1509, farsa que critica o abandono a que o embarque eufórico e sistemático dos Portugueses para o Oriente, em cata de riquezas, vota a pátria e as situações familiares; os *Autos das Barcas* (*Barca do Inferno*, 1517; *Barca do Purgatório*, 1518; *Barca da Glória*, 1519), peças de moralidade, que constituem uma alegoria dos vícios humanos; *Auto da Alma*, 1518, auto sacramental, que encena a transitoriedade do homem na vida terrena e os seus conflitos entre o bem e o mal; *Quem Tem Farelos?*, 1515, *Mofina Mendes*, 1515, e *Inês Pereira*, 1523, que traçam quadros populares de intensidade moral, simbólica ou quotidiana, em urdiduras de cómico irresistível e de alcance satírico agudo e contundente.

É muito rica a galeria de tipos em Gil Vicente, e variada a gama da sua múltipla expressão, desde a poetização do mais comum, até à religiosidade refinada e aos conteúdos abstratos e ideológicos que defende ou satiriza. Gil Vicente escreveu mais de quarenta peças, inclusive algumas em castelhano e outras bilíngues.

(*) Retirado do Portal São Francisco

Obs.

Texto encontrado na Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro (USP) para estudo, pesquisa e fins educacionais e retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude.

Contato CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br